
Isso a Globo (NÃO) Mostra: Invasão ou Resignificação do Audiovisual como estratégia de Jornalismo Opinativo¹

Iluska COUTINHO²

Luiz Felipe Novais FALCÃO³

Simone MARTINS⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O hibridismo entre entretenimento e jornalismo marca significativamente as audiovisualidades contemporâneas. Num ambiente de múltiplas telas, o jornalismo audiovisual é protagonista de muitas das formas de construção narrativas emergentes, como no quadro “Isso a Globo não mostra” (Fantástico). Nessa ambiência midiática, a hipótese é que o quadro ressignifica as produções audiovisuais e configura uma maneira potente de narrativa que permitiria afetar e mobilizar o público, a partir da opinião. O trabalho busca por meio da análise da materialidade audiovisual identificar enquadramento, apropriações de gêneros, estratégias narrativas e elementos discursivos presentes no quadro como formas de experimentação do (tele)jornalismo opinativo. A análise de duas edições indica uma construção dialógica entre factualidade jornalística e cenas de entretenimento à serviço da formação de opinião.

Palavras-chave

Telejornalismo; Entretenimento; Análise da Materialidade Audiovisual; Edição; Quadro de Humor.

Apropriação e uso das referências da internet contemporânea

Não é possível determinar com exatidão quando a expressão “Isso a Globo não mostra” surgiu entre os usuários de redes sociais digitais. O que se pode afirmar com segurança é que ao longo dos últimos três anos e, com maior ênfase nos períodos de investigação da Operação Lava-Jato e do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, a expressão ganhou os aplicativos de mensagens, esteve presente em *hashtags* e foi difundida entre os brasileiros numa clara demonstração de descontentamento. Surge

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social, professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM da Faculdade de Comunicação da UFJF, coordenadora e pesquisadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual. E-mail: iluskac@globocom.com.

³ Mestre e Doutorando em Comunicação pela UFJF. Desenvolve estudos na linha de Pesquisa Mídia e Processos Sociais. Pesquisador do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual. E-mail: luizfelipefalcao@gmail.com

⁴ Mestre e Doutoranda em Comunicação pela UFJF. Bolsista Capes, desenvolve estudos na linha de Pesquisa Mídias e Processos Sociais do PPGCOM da UFJF. Pesquisadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual. E-mail: sitema@gmail.com

como uma maneira de ironizar, colocar em questionamento o compromisso com a verdade de todos os fatos cobertos pelo departamento de jornalismo da emissora de maior audiência no país.

O uso da expressão pôde ser ainda observado em episódios como a greve dos caminhoneiros iniciada em 21 de maio de 2018, nas campanhas eleitorais em outubro do mesmo ano e se popularizou nos discursos de estudantes, sindicalistas e manifestantes até tornar-se viral. Eliana Regina Lopes Loureiro abordou o uso da expressão que faz referência aos veículos da família Marinho, buscando conceituá-la:

Jargão comum nas redes sociais em diversas postagens, nesses dizeres subjaz a ideia de um público espectador inerte, totalmente dependente das informações apresentadas pela televisão. Espectadores teoricamente incapazes de julgamento ou buscar outras vias de atualização, então o “Isso a Globo não mostra” funcionaria como uma estratégia de convocação, para que se deixe de ser massa manipulada e se aja compartilhando aquela informação teoricamente “censurada” pelo poder vigente, a Rede Globo. No entanto, esse ato, uma vez que não é confirmada ou checada (trabalho que ganha relevância com o fact-checking e apuração jornalísticos), pode ajudar a disseminar as fake news, as notícias falsas. (LOUREIRO, E. R. L., 2018, p. 2)

A autora entende que, ao utilizar esta expressão, os telespectadores observam a emissora como uma aliada do sistema e da lógica econômica vigente, da hegemonia midiática e que, por interesses justificados pela manutenção do poder e do *status quo*, teria informações a esconder e faltaria com a verdade. Loureiro conclui também que esta narrativa de omitir fatos pode aproximar as pessoas das *fake news*.

Para além da denúncia originária, a expressão “Isso a Globo não mostra” passou a ser utilizada em narrativas do humor, na desconstrução de outras narrativas num fenômeno de apropriação midiática. A demanda seria por reelaboração de novas formas de comunicação capazes de trazer a afetação de quem toma contato com audiovisuais, publicações e todo o tipo de elemento narrativo que faz o uso do “Isso a Globo não mostra”.

Essas (re)apropriações passam a envolver até a própria emissora. Entre os vídeos que aparecem como resultado, no Globoplay, quando digitado o nome do quadro, a primeira publicação em que a expressão surge no ar é durante a edição do Caldeirão de Ouro, apresentado por Luciano Huck, no dia 05 de janeiro de 2019⁵. No palco as atrizes Juliana Paes e Marina Ruy Barbosa interagem com o apresentador quando Marina esboça um

⁵ Fragmento da programação disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7277976/>. Acesso em 29/06/19.

incômodo dizendo “tem uma plaquinha ali que eu quero ignorar. Deixa eu pegar a plaquinha? Porque isso a Globo não mostra!”. Juliana Paes completa dizendo que ama essa *hashtag*. Na *dália*⁶ está escrito que Marina precisava ir embora e justificou que estava em gravação.

Passados 15 dias desse episódio, a Globo, no dia 20 de janeiro, lançou um quadro semanal que vai ao ar durante a exibição da revista eletrônica Fantástico. O nome do produto audiovisual é a própria expressão. A Globo então passou a fazer um discurso debochado de situações factuais e também sobre si própria, amparada por material de arquivos do telejornalismo da casa, por cenas do entretenimento, *gifs* e memes da internet. O quadro, que tem entre quatro e cinco minutos de duração, estava na sua edição de número 23 no momento de finalização deste trabalho.

No âmbito desse artigo defende-se que essa apropriação, atenta à reação do público, pode potencialmente provocar uma empatia com o telespectador, suspender o peso da crítica inicial trazida pela expressão, e ao mesmo tempo representar uma experiência de (tele)jornalismo opinativo com críticas duras e infrequentes no histórico de telejornais e formatos noticiosos mais consolidados. Os temas políticos, o registro em vídeo dos destemperos presidenciais e as trapalhadas ao longo da própria programação servem de substrato para a criação do conteúdo do quadro.

“Isso a Globo não mostra”: o quadro e suas promessas audiovisuais

Habitualmente no Brasil assim como em tantos outros países, o lançamento de programas televisivos vem acompanhado de outros materiais de divulgação na própria grade de programação que dão conta de antecipar um pouco do que vai ser o conteúdo, do gênero televisivo a ser lançado e dão algumas das pistas de como o telespectador tem que consumir este produto. Como estabelece o escritor e pesquisador francês François Jost (2007), este novo produto não pode ser incorporado como uma emissão isolada. Ele está vinculado a gêneros televisivos já existentes ou mesmo se configura enquanto um novo modelo e exatamente por esta razão as emissoras precisam preparar o público. O

⁶ *Dália*, em no ambiente televisivo é o nome que se dá ao pedaço de papel ou cartolina onde estão as palavras que atores, atrizes e apresentadores precisam lembrar quando estão no ar. A expressão surgiu na extinta TV Tupi quando o ator Fregolente pendurou o papel com suas falas num vaso de *dálias*. O vaso foi retirado do cenário e sem ter o texto de referência o ator questionava onde estavam as *dálias*. Isso popularizou a expressão.

entendimento não é automático e, segundo o autor, nem é também natural. É necessária a utilização de uma espécie de rótulo, de etiqueta, em que a relação de sentido que a emissora pretende criar esteja expressa (JOST, 2007, p.70).

Mas no caso de nosso objeto de estudo o lançamento do quadro aconteceu abruptamente, como vamos detalhar adiante, simulando a invasão de *hackers*. A estratégia de lançamento sem a anunciação e sem o período preparatório causou o efeito de estranheza, surpresa, ineditismo que os idealizadores do quadro possivelmente planejaram exatamente pelo caráter de contestação e ironia que o “Isso a Globo não mostra” iria assumir a partir de então.

Entendemos aqui que a expectativa acerca do programa se estabelece então a partir das reações ao primeiro “Isso a Globo Não Mostra” exibido. Depois de ir ao ar é que as promessas audiovisuais (FALCÃO, 2019, p. 52) começam a ser estabelecidas e o público já passa a esperar do quadro a ironia, o deboche, a edição fragmentada com as referências factuais, jornalísticas e do entretenimento numa experiência inicialmente imersa no fluxo televisivo e depois compartilhada e repostada em outros ambientes e suportes audiovisuais. As promessas audiovisuais (re)configuradas pelas narrativas provocam a expectativa, as afetações do público e explicam a audiência do quadro. Elas integrariam também o que na análise da materialidade audiovisual (COUTINHO, 2016) identifica-se como o paratexto do programa ou vídeo a ser compreendido.

É importante destacar que a edição e a ressignificação de fragmentos telejornalísticos e de produtos do entretenimento em novos audiovisuais caminha em direção ao que a professora e pesquisadora Suzana Kilpp (2010) entende como sendo o audiovisual: um produto em constante transformação, lugar de convergência de formatos e tecnologias, em que linguagem, configurações e apropriações são capazes de produzir novas dimensões a partir do caráter técnico, por estratégias discursivas, de circulação e até mesmo pelo seu consumo.

Nesse sentido, os produtos audiovisuais constroem-se em três ambientes que conceitualmente a pesquisadora trabalha como sendo as molduras, as moldurações e os emolduramentos.

As molduras são entendidas como aqueles quadros ou territórios de significação que, na TV, encontram-se em geral sobrepostas. As moldurações são procedimentos de ordem técnica e estética que realizam certas montagens no interior das molduras. E os emolduramentos são agenciamentos de sentido, que

são pessoal e culturalmente referenciados. Com as molduras e moldurações procede-se a uma oferta de sentido. (KILPP, 2010, p.18)

No material audiovisual em análise neste trabalho, as possibilidades narrativas são criadas a partir do hibridismo entre fragmentos telejornalísticos, fragmentos de audiovisuais do entretenimento e ainda entre o trabalho com as referências dos imaginários contemporâneos estabelecidos entre os públicos. É nesse espaço que as molduras sobrepostas e reposicionadas encontram potencial para novos sentidos atribuídos. A edição acelerada e fragmentada configura as possibilidades de edição que correspondem às moldurações seguindo o que propõe Kilpp. Por fim, da relação entre estes dois aspectos - molduras e moldurações - efetiva-se a produção de sentido planejada e estas novas narrativas configuram o emolduramento.

Análise da Materialidade Audiovisual

Inicialmente, julgamos pertinente apresentar a metodologia utilizada por nós na análise efetuada. O método da Análise da Materialidade Audiovisual, que tem como objeto de avaliação a unidade texto+som+imagem+tempo+edição em toda a sua complexidade (o que significa uma análise dos códigos, sentidos e símbolos), foi desenvolvido no âmbito das pesquisas realizadas no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual - NJA (CNPq-UFJF), coordenado pela Prof^a. Dr^a. Iluska Coutinho.

Ao propor como método possível a análise da materialidade audiovisual propõe-se que o analista ou estudioso do telejornal também teria seus dispositivos particulares para olhar e compreender seu objeto de estudo. No âmbito das investigações realizadas no NJA às lentes da dramaturgia do telejornalismo se associariam outros efeitos, de imagem, som, experiência e interpretação, acionados conforme os objetivos a desvelar, referências teóricas mobilizadas em cada pesquisa. (COUTINHO; MATA, 2018, p, 10)

Definido como um “quadro de humor” em que as notícias da semana são “tratadas de forma leve, além de brincadeiras com cenas exibidas na programação da TV Globo⁷”, o “Isso a Globo não mostra” teve sua estreia no dia 20 de janeiro de 2019. Ao discutir a exibição do quadro para a elaboração deste artigo, partimos do pressuposto de que a junção de cenas de programas de entretenimento e jornalismo já anteriormente veiculadas pela Globo seja uma das características adotadas com o objetivo de resgatar no quadro da

⁷ Disponível em <https://g1.globo.com/fantastico/quadros/isso-a-globo-nao-mostra/>. Acesso em 28/06/2019.

Revista Semanal a memória dos telespectadores de alguma situação marcante e/ou engraçada, inferindo a ela questionamentos de forma metafórica acerca de temas, em sua maioria de viés político.

Para efetuar a análise da materialidade audiovisual do quadro exibido semanalmente no Fantástico⁸, selecionamos um recorte de 2 das 23 edições veiculadas até o término da redação deste texto. Nossa proposta foi a de analisar a primeira e a última edições objetivando verificar se houve alguma mudança de enquadramento ao longo do período. Em sua estreia, o quadro “Isso a Globo não mostra” foi exibido ao final do programa Fantástico, apresentando na tela uma simulação em vídeo como se algum *hacker* tivesse invadido o sistema da emissora para exibir um conteúdo fora dos denominados Padrões Globo de Qualidade⁹ no momento em que os apresentadores se despediam do público. A vinheta do quadro mostra uma tela de computador com diversas janelas fechadas e a tentativa de *hackear* a emissora, com a permissão de acesso negada. Assim que o suposto *hackeamento* é concretizado, há uma edição de diversos programas com seus respectivos apresentadores dando as boas-vindas para os telespectadores, cumprimentando-os e convidando-os a assistir suas atrações. A edição, com cortes secos, é construída para receber os telespectadores de forma leve e bem-humorada, como se os *hackers* finalmente tivessem conseguido um “espaço na TV aberta”, frase pinçada na estreia do programa Zero1, comandado por Tiago Leifert.

Assim que os espectadores são recebidos na nova atração, entra a vinheta do Programa Globo Esporte e um quadro onde o comentarista da emissora, Walter Casagrande, responde a perguntas do público nas ruas. A edição do “Fala, Casão” recortada no “Isso a Globo não mostra” trata com humor um comentário desarticulado e incoerente feito por Casagrande sobre as chances do Corinthians perder a taça no Campeonato Paulista de 2019. Visivelmente alterado, com óculos escuros e escondendo as mãos nos bolsos da calça para não gesticular demais, Casagrande responde: “Qual a chance de perder a taça? Oito!”. O apresentador do programa, Ivan Moré, tenta contornar a situação e questiona se de fato as chances de perder são 8. E Casagrande responde: “Não, o contrário. 4 de perder

⁸ Programa dominical em forma de revista eletrônica, criado em 1973, e veiculado pela Rede Globo de Televisão aos domingos. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/fantastico.htm>. Acesso em 28/06/2019.

⁹ O Padrão Globo de Qualidade são regras norteadoras das operações da Rede Globo, tanto no âmbito jornalístico quanto comercial, que fazem parte de seus Princípios Editoriais. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em 29/06/2019.

e 8 pra ganhar”, e segue o diálogo sem nexos com o apresentador em torno do número de pontos até que Ivan Moré termina a discussão com um “Tá certo! Casão ‘tá crítico hoje!”. O quadro segue com o recorte de uma cena da novela O Sétimo Guardião quando a personagem interpretada por Lilia Cabral atende a uma chamada de celular, editada como se estivesse atendendo a uma ligação a cobrar, e, depois de olhar incrédula para o aparelho, atira-o contra a parede. Na sequência, há uma montagem com vários jornalistas que em algum momento diziam o termo “foro privilegiado” seguidos de apresentadores “mudando de assunto”, repetindo-se em um ciclo de 6 vezes cada um até ser interrompido por um personagem do Zorra Total que entra dançando em cena e pergunta: “Agora vamos falar de coisa boa?” para, em seguida, uma repórter do Globo Rural anunciar que “laranjas com esses mesmos sintomas não faltam aqui nesse pomar”, ao lado de um pé de laranjas. Entendemos que essa parte do quadro seja uma referência ao filho do Presidente Jair Bolsonaro, o senador Flávio Bolsonaro, imbricado na polêmica envolvendo seu assessor, Fabrício Queiroz, suspeito de realizar movimentações financeiras incomuns em sua conta bancária. Na sequência em que aparecem os termos “foro privilegiado” e “mudando de assunto”, entendemos que essa tenha sido escolhida pelo fato de a defesa do atual senador ter entrado com um pedido para que o mesmo, por haver assumido o cargo, tivesse a prerrogativa como senador da república de que a apreciação do caso seja feita pelo Supremo Tribunal Federal¹⁰. Já quando a repórter aparece em um laranjal, entendemos que seja porque a hipótese apontada pela imprensa foi a de que Queiroz exercia a função de “laranja” de Flávio Bolsonaro, devolvendo parte de seu salário para o então deputado estadual do Rio de Janeiro. Dessa forma, o quadro aproveitou-se da situação para fazer uma referência opinativa e irônica usando um pomar da fruta.

Fazendo uma ponte com a cena em que a personagem Valentina supostamente recusa uma chamada de seu filho Gabriel (Bruno Gagliasso) a cobrar, a edição prossegue para a cena de outra novela, Salve Jorge, contrapondo de forma mais uma vez irônica, o desespero de uma mãe quando seu filho não atende às suas ligações e a felicidade em saber que tudo vai bem. Em seguida, entra a vinheta modificada do programa Conversa com Bial para “Sem Conversa com Bial” em uma (re)edição de momentos de silêncios “construídos” quando da entrevista do jornalista com Galvão Bueno, trabalhando de forma bem-

¹⁰ Apesar de o STF ter restringido as regras de foro privilegiado em 2018 para abranger apenas crimes relacionados com os mandatos federais, o pedido foi aceito e o filho do Presidente passou a ter foro privilegiado.

humorada o fato de o comentarista da Globo falar demasiadamente em suas transmissões na emissora. Nesta parte do quadro, foi construída uma sequência do Programa, mostrando Pedro Bial atento às “respostas” de Galvão Bueno, que muito gesticulava mas nada dizia, com o aplauso da plateia no final.

O quadro é cortado “Carregando o próximo vídeo”, semelhante ao carregamento feito quando baixamos algum programa no computador, para aparecer a vinheta do The Voice Brasil e, em seguida, uma sequência montada intercalando a atriz Suzana Vieira cantando no Domingão do Faustão com os jurados do programa musical no momento em que ouvem os candidatos sem vê-los, com as cadeiras de costas para o palco, avaliando o suposto desempenho da atriz ao entoar uma música italiana. Ao final da sequência, os jurados aplaudem e a atriz se desculpa por ter desafinado.

Mesclando mais programas de entretenimento e humor, o quadro então segue com uma pesquisa hipotética no banco de dados da emissora sobre “Quem matou Odete Roitman”, trocando o pronome ‘quem’ pelo ‘o quê’, para em seguida revisitar a cena do assassinato da personagem em Vale Tudo, quando a atriz aparece caída no chão depois de ter sido vítima de um tiro, mas com um liquidificador a seu lado. Nesse momento, o quadro faz uma alusão à declaração do Ministro da Casa Civil do governo Bolsonaro, Onyx Lorenzoni, ao comparar o risco de se ter uma arma em casa ao uso de liquidificadores. Mais uma vez o quadro se vale de humor para criticar uma declaração do novo governo. Com o objetivo de continuar com a atração de forma leve, ironizando os funcionários da emissora, uma vinheta apresenta as Top 5 vezes em que Ana Maria acordou cedo demais, mostrando algumas das cenas em que a apresentadora se equivocou ao anunciar figuras públicas em seu programa. Em seguida, o quadro continua em tom de deboche em uma montagem que mostra a jornalista Ana Paula Padrão sozinha na bancada fazendo um comentário aparentemente para alguém que não está a seu lado, como se alguém tivesse faltado, quando na verdade ela estava conversando com o outro âncora do Bom Dia Brasil, Chico Pinheiro, que foi ocultado para ironizar o que disseram ser um trabalho em dupla, mas quando seu amigo falta à apresentação. Posteriormente, Zeca Camargo aparece no vídeo como se estivesse apresentando o É de Casa e conversa com uma das convidadas no jardim do cenário da atração sobre o modo de se fazer papel. O apresentador então questiona: “começando pelo começo, o que você precisa pra fazer papel em casa?”, e a convidada responde, inicialmente, “papel”, sendo cortada em seguida e fazendo-o parecer tolo.

Segue o quadro, agora no cenário de apresentação do Fantástico, com Tadeu Schmidt assumindo-se particularmente feliz por receber sambistas no quadro Surpresa Musical, quando pede um cavaquinho emprestado e começa a tocar. Assim que ele inicia a primeira nota, entra uma edição como se o jornalista estivesse tocando o sucesso *Sweet Child o' mine*, da banda americana de *hard rock* Guns n' Roses. Ao final, todos no palco aplaudem o apresentador e um corte é feito para Fausto Silva, em seu programa, perguntando a um jurado sua opinião e sua nota, quando reaparece o vídeo de Casagrande na apresentação do Fala, Casão! respondendo: “8”.

Finalmente, retorna a tela do computador do sistema, quando o suposto invasor é identificado, avisando que será desconectado, encerrando a estreia do quadro. Ao final, os apresentadores retomam a cena, riem e brincam entre si sobre o conteúdo apresentado, e Tadeu Schmidt argumenta parecer haver “um pessoal muito engraçadinho brincando com os arquivos da Globo”. Depois, lança a dúvida se o quadro vai ser repetir no próximo domingo, quando Ana Paula Padrão finaliza, de forma descontraída: “ah, não. Só falta essa, né? Será que domingo que vem vai acontecer de novo? Ficaremos ligados”, convidando os telespectadores a manterem a audiência da Revista Eletrônica semanal da emissora.

Entendemos que, ao inserir um novo quadro mesclando humor e jornalismo em um programa já consolidado na grade de programação da emissora, e utilizando-se de material de arquivo de programas de entretenimento e jornalísticos com altos índices de audiência, o que a Rede Globo pretende é ressignificar o que está na memória dos telespectadores para ironizar, de modo crítico, situações cotidianas, indo de encontro, inclusive, ao jargão utilizado por diversas pessoas para caracterizar a emissora ao produzir o chamado “jornalismo chapa branca¹¹”, como ressaltamos anteriormente.

Nesse sentido, voltamo-nos para a Análise da Materialidade Audiovisual para destacar que

Na medida do possível é interessante identificar como essas propostas são apresentadas, em termos audiovisuais mas não apenas, o que pode contribuir para o desenho da análise, mas também para realização de inferências e mesmo de interpretações de eventuais fluxos relacionados à experiência de circulação e consumo daquele material audiovisual. (COUTINHO, 2016, p. 10)

¹¹ Paulo Nogueira, no blog Diário do Centro do Mundo, argumenta que as empresas jornalísticas nunca perderam o privilégio de pertencer a um mercado protegido e define jornalismo chapa branca como “a defesa, sem palavras ou pelo silêncio, da ‘plutocracia predadora’. E o conseqüente abandono do interesse público”. Disponível em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-que-e-jornalismo-chapa-branca-por-paulo-nogueira/>. Acesso em 29/06/2019.

O último episódio a ir ao ar quando da elaboração deste artigo foi veiculado no domingo, 23 de Junho¹². Assim como os demais, o quadro do Fantástico utilizou-se de arquivo de imagens e mistura de gêneros – como o humor, entretenimento e jornalismo – para a prática de jornalismo opinativo.

O “Isso a Globo não mostra” foi exibido praticamente no final da revista eletrônica semanal da Rede Globo. Assim como nas edições anteriores, o quadro foi veiculado entre o meio e o término da exibição do Fantástico. Logo após a vinheta de abertura, foi veiculada a vinheta já diversas vezes utilizada do Vale a Pena Ver de Novo, fazendo alusão a alguma novela que já tenha sido exibida pela emissora, com um ponto de interrogação: Vale a pena ver de novo?

Nesta edição do quadro, o folhetim lembrado foi Pé na Jaca, quando o personagem interpretado por Marcos Pasquim, Lancelotti, ressalta que seus amigos estão precisando de uma coisa a mais: “fôlego!”, obrigando-os a fazer flexões para se exercitarem mais. Ao longo da exibição, a cena é mesclada com imagens do presidente Jair Bolsonaro ao lado do governador de São Paulo, João Doria, e de um grupo de jovens da PM paulista pedindo para todos “pagarem” dez flexões, mas sem conseguir executar o exercício da maneira correta. O personagem de Marcos Pasquim, quando um de seus amigos diz estar cansado, obriga-o a fazer o exercício. Depois de mostrar a cena da novela por completo, com cortes inserindo o momento em que Bolsonaro, Doria e os policiais faziam flexões, aparece o personagem Lancelotti reclamando que eles não haviam conseguido fazer nem 10% do que tinha sido proposto, em uma paródia da falta de habilidade do Presidente da República. Na internet, a cena protagonizada por Bolsonaro durante o evento no Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro, em São Paulo, gerou diversos memes, deboches e foi, inclusive, comparada ao desempenho de seu governo.

Em seguida, há um corte no vídeo e aparece a tela do computador carregando o próximo vídeo. Nele, o foco está em Tite, treinador da Seleção Brasileira de Futebol masculina, respondendo a jornalistas em uma coletiva de imprensa. A imagem permanece focada no treinador e, ao fundo, o questionamento de um dos jornalistas: “eu queria te fazer um questionamento bem objetivo e com todo respeito: ter o próprio filho como auxiliar na seleção é um bom exemplo para a sociedade brasileira? Empregar e promover o próprio filho, ainda que ele seja competente, não contradiz o discurso ético que você tanto

¹² Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7713780/>. Acesso em 29/06/2019.

prega?”. Nesse momento, a imagem de Tite é congelada com o mesmo efeito utilizado ao final de cada capítulo na novela *Avenida Brasil*. O autor do folhetim, João Emanuel Carneiro, quando do sucesso desse efeito de suspense, explicou que esse “recurso foi criado na trama para reforçar aquele momento crucial do personagem e deixar sempre a dúvida no ar sobre o próximo capítulo¹³”. O efeito fez tanto sucesso nas redes sociais na época que foi criado um aplicativo oficial para que o público pudesse ser congelado, assim como os personagens da novela. Entendemos que essa exposição do técnico da CBF aliado ao uso de imagens acionando a memória de uma novela de sucesso de forma criativa tenha acontecido para questionar a conduta ética de Tite em promover seu próprio filho, colocando-o como o terceiro profissional em sua própria linha de comando.

Mais uma vez há uma edição no quadro, com corte para a imagem de uma página de busca na internet com a pesquisa por vídeo de vazamento. Nesse momento, há a exibição de uma cena veiculada na novela *Verão 90* em que os personagens Manoela e João tentam conter um vazamento no banheiro de seu apartamento. Entretanto, a imagem dos rostos dos atores Isabelle Drummond e Rafa Vitti foi trocada/sobreposta pela do ex-juiz responsável pelos processos ligados à Operação Lava Jato e atual Ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro e de Deltan Dallagnol, procurador da República, integrante e coordenador da força-tarefa da Operação Lava Jato em uma paródia relacionada ao vazamento de um pacote de mensagens trocadas entre eles no aplicativo Telegram. O conteúdo dos diálogos sobre as ações da Lava Jato sugere que Moro possa ter interferido na atuação da Procuradoria da República na condenação do ex-presidente Lula, já que as mensagens indicam troca de colaboração entre o ex-juiz e a força-tarefa da Operação.

Novamente há um corte no quadro para a entrada da vinheta de abertura do programa *Encontro*, com Fátima Bernardes. Nesse momento, a apresentadora aparece no palco de sua atração dando boas-vindas, agradecendo a participação do público e apresentando um grande número de convidados que supostamente participariam da edição daquele dia. Ironicamente, o número de convidados era tamanho que, assim que terminou de apresentar cada um, Fátima Bernardes voltou-se para o vídeo dizendo que o tempo do programa havia terminado, agradeceu a participação de todos e encerrou o *Encontro* daquela manhã.

¹³ Disponível em <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/Fique-por-dentro/noticia/2012/10/me-congela-transforme-suas-fotos-com-o-efeito-do-final-de-avenida-brasil2.html>. Acesso em 30/06/2019.

Em seguida, entra uma vinheta apresentando as top 5 demissões sem noção da TV. Então, artes com contagem regressiva são veiculadas e apresentados, do primeiro para o último, o “resultado da votação” da enquete hipotética. Em primeiro lugar, aparece o personagem da novela O Tempo não Para, Samuca, demitindo Emílio por ter beijado sua namorada. Em segundo lugar está a personagem Sandra Helena, de Pega Pega, demitindo Aguinaldo porque sua amiga diz ter gostado dele. Conquistando a posição de número 3, a personagem interpretada por Eva Wilma, em O Tempo não Para, demite um pesquisador de seu laboratório por ter sido vítima de agressão de um tenente da marinha. Já em quarto lugar, Ernesto Pricelli, personagem interpretado por Rodrigo Simas em Orgulho e Paixão, é demitido por Afrânio Cavalcanti (Ary Fontoura) ao afirmar que suas opiniões políticas não interferiam em seu trabalho. No final da lista aparece o Presidente Jair Bolsonaro afirmando, em uma entrevista, estar “por aqui [faz um sinal como se estivesse “cheio”, impaciente] com Levy¹⁴. Eu falei pra ele: demita esse cara segunda-feira ou eu demito você sem passar pelo Paulo Guedes”. Ao recortar a sonora do presidente e considerá-la uma das 5 demissões sem noção da TV, depreendemos que o uso de notícias recentes pelo quadro é uma forma crítica para fazer os telespectadores refletirem sobre a situação do atual governo de forma leve, utilizando-se para isso do potencial reflexivo do humor. Uma forma do (tele)jornalismo exercer informação e opinião, conforme proposto por Luiz Beltrão (2015).

Em seguida, mais um corte no quadro novamente com a exibição de uma tela de computador com a imagem de vídeo carregando, para em seguida ser veiculada a vinheta do Globo Rural. No estúdio do programa, o apresentador Néelson Araújo responde a perguntas de espectadores e dá destaque a uma delas: “a Neide Augusto cria galinhas e notou um comportamento estranho” para, em seguida, aparecer em tela cheia a pergunta: “algumas galinhas botam ovos. Gostaria de saber o motivo”. Nesse momento, o jornalista volta a ser focalizado no cenário do programa e diz que levou o caso para um especialista de Taubaté, São Paulo. Nesse momento, nossa memória nos faz lembrar ironicamente da grávida de Taubaté, que enganou o país inteiro com sua falsa gravidez de quadrigêmeos. Novo corte e o “carregamento” do próximo vídeo, quando aparece a imagem da apresentadora Ana Maria Braga sentada com alguns convidados tomando café da manhã

¹⁴ O economista Joaquim Levy é ex-presidente do BNDES do governo Bolsonaro e já havia sido Ministro da Fazenda no governo de Dilma Rousseff e secretário de finanças do estado do Rio de Janeiro, época em que Sérgio Cabral era governador. Levy pediu sua demissão depois desta declaração dada por Bolsonaro.

em seu programa, uma música em BG¹⁵ e uma voz de suspense: “nem sempre a cozinha é o lugar mais seguro... o vírus”. Nesse momento, a apresentadora já está na bancada da cozinha, assistindo à montagem de um sanduíche por um dos convidados, quando ele tosse, e sobe o som de uma pessoa tossindo. Em seguida, o convidado permanece montando o lanche, volta a música em BG e a voz de suspense: “O que fazer quando você só tem uma chance?”. Em seguida, a apresentadora prova a comida e aparece uma imagem com a legenda “A tossida fatal”, hoje nos cinemas.

Há novamente um corte e entra Flávio Fachel, jornalista e apresentador do Bom Dia RJ, dizendo, na bancada do noticiário, que junho é mês de festa junina. São, então, exibidas imagens de pessoas pulando quadrilha. Nesse momento, mais uma paródia é feita pelo quadro ao mesclar imagens de pessoas brincando quadrilha com fogueira, bandeirinhas e balões, com cortes para algumas expressões ditas por personalidades seguida do coro “é mentira!”. A primeira delas apresenta apenas participantes da quadrilha dançando quando a locutora diz: “olha a chuva!”, e os dançarinos respondem: “é mentira!”. Segue a mesma montagem por 4 vezes, primeiramente com Bolsonaro afirmando “kit gay”, e a resposta “é mentira”; Ernesto Araújo: “ideologia de gênero”, “é mentira!”; Damares Alves: “ditadura gay no Brasil”, “é mentira!”; Abraham Weintraub: “guerra ideológica que prejudica o aprendizado dos alunos”, “é mentira!” e, finalmente, Willian Bonner: “a economia brasileira encolheu 0,47%”, “é verdade!”. Assim que o termo “é verdade!” é dito, há um corte para a vinheta, com o suposto invasor identificado, desconectando-o do programa.

Conclusão

O quadro do Fantástico em análise tem como característica central o tom de navegação entre telas que marca a experiência comunicativa contemporânea, e na qual o audiovisual tem lugar de destaque. A interposição de diferentes gêneros, tempos e telas parece assim simular o processo de abertura de novas janelas e abas no fluxo televisual. E como o Brasil e o (tele)jornalismo tem necessitado de abertura na contemporaneidade...

Como um produto audiovisual, em uma narrativa que se organiza simultaneamente no espaço e no tempo, a ordem de exibição e a edição do quadro produzem sentido a partir

¹⁵ BG, ou background, é a música, voz ou efeito sonoro inserido simultaneamente à fala de alguém e que vai ao ar em um volume mais baixo. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/bg-201cbege201d>. Acesso em 30/06/2019.

da justaposição de cenas de diferentes gêneros mas que tem como característica comum o pertencimento a um dado imaginário social compartilhado. A estratégia narrativa de “Isso a Globo não mostra” não confunde as fronteiras entre ficção e realidade; as distinções de gênero são mantidas e (re)conhecidas por programa e audiência, mas colocadas em suspensão para, em uma colcha de retalhos, suscitar reflexões sobre temas e assuntos em destaque na atualidade, matéria prima do jornalismo, em especial opinativo. Se no perfil editorial do telejornalismo a predominância é de material de cunho informativo, de acordo com Guilherme Jorge de Rezende (2000), ou de serviços como propõe Ana Carolina Pessoa Temer (2002), o quadro apresenta uma contribuição de prática de jornalismo opinativo em televisão. A opinião da emissora aos temas do tempo presente, de maior ou menor relevância informativa, é realizada em “Isso a Globo não mostra” ao articular distintos fragmentos do palimpsesto televisivo, e tecer socialmente uma crítica por meio do uso de uma narrativa que, apenas, simula uma transgressão, inclusive de gêneros.

Ao revisitar cenas, personagens, conflitos em contextos de sentido distintos de sua primeira experimentação audiovisual, os roteiristas e editores do quadro reescrevem inicialmente um história (com)partilhada com a audiência. Anuncia-se em uma espécie de subtexto que “alguma coisa está fora da ordem”, como enuncia a música de Caetano Veloso; temos uma reconfiguração da TV como meio de demanda segundo a distinção proposta por Dominique Wolton (2004), e sem abrir mão do fluxo. A estratégia pode ser entendida dessa forma como um convite ao engajamento do público, para acompanhar e pensar junto, a partir das novas sínteses e combinações.

Assim, como em uma paráfrase do slogan do CQC, programa de televisão semanal, produzido pela *Eyeworks* e exibido pela Rede Bandeirantes entre 2008 e 2015, no quadro “Isso a Globo não mostra”, o humor e a ressignificação audiovisual estão a serviço do jornalismo.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Formação da opinião pública**. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2015.

COUTINHO, Iluska. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível**. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em 28/06/2019.

_____ ; MATA, Jhonatan. **Um telejornal e um método para chamar de nossos:** uma reflexão sobre telas, fronteiras e modos de olhar. Disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1423/707>. Acesso em 29/06/2019.

FALCÃO, Luiz Felipe Novais. **Comunicação Pública e Mobilização Social:** narrativas televisualidades e engajamento virtual na campanha “Frente em defesa da EBC e da Comunicação Pública”. 2019. Dissertação [Mestrado em Comunicação]. Faculdade de Comunicação, UFJF, Juiz de Fora, 2016.

JOST, François. **Compreender a televisão.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil:** um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

KILPP, Suzana. **A traição das imagens:** espelhos, câmeras e imagens especulares em reality shows. Porto Alegre: Entremeios, 2010.

TEMER, Ana Carolina Pessoa. **Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo.** Editora Sotese, Rio de Janeiro, 2002

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público.** São Paulo: Ática, 2004.